

NEGRAS E NEGROS EM ESCRITAS DE SI: DESIGNAÇÃO E SENTIDOS*

BLACK PEOPLE IN SELF WRITINGS: DESIGNATION AND MEANINGS

Florisbete de Jesus Silva 1

Resumo: Este trabalho analisa os sentidos construídos para negras e negros brasileiro em escritas de si, tomando, como aporte teórico de análise, a Semântica Enunciativa do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005 [2002]). O conceito de escrita de si foi criado por Michel Foucault (1992 [1983]), para designar registros de pensamentos e ações diárias, em cartas e cadernos de anotações, na Antiguidade Greco-Romana. No campo literário contemporâneo, é usado para nomear relatos de vida, desde memórias a reality shows (KLINGER, 2006; ARFUCH, 2010). As obras selecionadas para análise, são: uma (auto)biografia, dois diários e um relato de vida. As análises apontam para relações conflituosas no espaço de enunciação, o que mostra o político funcionando no acontecimento da linguagem, trazendo à tona as discrepâncias e exclusões, mas também produzindo condições de igualdade no jogo de embates pelo acesso à palavra, pela superação do racismo.

Palavras-chave: Sentidos. Negros/as. Escritas de si.

Abstract: This work analyzes the meanings constructed for black Brazilian people in writing about themselves, based on the Enunciative Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2005 [2002]). The concept of self-writing was created by Michel Foucault (1992 [1983]), to design the records of daily thoughts and actions, in letters and notebooks, in Greco-Roman Antiquity. In the contemporary literary field, it is used to name life stories, from memories to reality shows (KLINGER, 2006; ARFUCH, 2010). The works selected for the analysis are: an (auto)biography, two diaries and a life report. The analyses point to conflicting relationships in the enunciation space, which shows the political functioning in the event of language, bringing up discrepancies and exclusions, but also producing conditions of equality in the clash game over the word access by overcoming racism.

Keywords: Meanings; Black People. Self Writings.

* Esta discussão faz parte da Tese de Doutorado em Linguística, em processo de construção, orientada pela Professora Sheila Elias de Oliveira (IEL/ UNICAMP), e foi apresentada no Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação, ocorrido nos dias 07, 08 e 09 de outubro de 2021.

Introdução

Neste trabalho, nos propomos a analisar os sentidos construídos *para negras e negros brasileiros/as* em escritas de si. O conceito de escrita de si foi criado por Foucault (1992[1983]), que a designa como uma escrita centrada na busca introspectiva da verdade sobre si mesmo, no exercício de autorreflexão, de modificar-se por meio da revelação dos conflitos presentes em seu interior. Nesse sentido, escrever sobre si não é apenas fazer uma descrição, mas se constituir mediante o próprio ato de narrar a si mesmo, contribuindo, assim, para a própria formação.

Foucault (1992 [1983]) apresenta a escrita de si sob duas formas principais: os *hypomnemata* a correspondência. Os *hypomnemata* “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” (p.131), em que eram registrados desde trechos de obras lidas ou ouvidas até testemunhos e reflexões sobre a vida e/ou ações. A correspondência tem um sentido complementar em relação aos *hypomnemata*, uma vez que estes muitas vezes serviam de matéria prima para a escrita de cartas enviadas a outrem, mas o modo de atuação é diferente, pois “a carta enviada actua sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe” (p.137).

Klinger (2006, 2008), em suas reflexões acerca do conceito foucaultiano de escrita de si, bem como dos estudos realizados por Arfuch (2010), sobre o “espaço biográfico”, ressalta a importância de não desvincular dessa escrita de si as novas tendências literárias que têm se firmado na cultura contemporânea: textos em que se registram a vida, o falar de si, em que o privado se torna visível, a intimidade transforma-se em um grande espetáculo, resultando numa proliferação de narrativas do eu. Desse modo, outros textos somam-se à escrita de si foucaultiana, compondo memórias, diários, biografias, autobiografias, ficções sobre o eu.

As obras que representam esse tipo de escrita, selecionadas para as análises apresentadas neste trabalho, são: um relato de vida transformado em história infantil, por Caio Riter, intitulado *Pedro Noite*; uma autobiografia da Professora Geni Guimarães, denominada *Leite do Peito*; um diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*; um diário de Esmeralda Ortiz, *O diário da rua*.

Tais obras fazem parte do acervo selecionado pela equipe de avaliadores do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), nos anos de 2005, 2006 e 2014. Este programa foi criado no ano de 1997, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura. Do ano da sua criação até o ano de 2014, quando o último acervo foi enviado, as escolas públicas brasileiras de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) receberam milhões de livros de literatura, segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)¹.

A significação construída para negras e negros nessas escritas de si, pelo modo como elas e eles são designadas/os, é analisada levando em consideração a sua relação com o enunciado e com o texto. Para tanto, nos posicionaremos teoricamente de acordo com a Semântica Enunciativa do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005 [2002]), teoria que estuda a enunciação como o lugar onde o sentido é historicamente construído na relação do sujeito com a língua.

Para a análise, selecionamos recortes das escritas de si, os quais são designados por Guimarães (2010), como partes do acontecimento da enunciação que se correlacionam, apontando sentidos que estão sempre em movimento no texto, mostrando a possibilidade de outras análises, até que a compreensão se mostre suficiente para o objeto específico.

A Semântica Enunciativa do Acontecimento: breves considerações

A Semântica do Acontecimento é uma teoria desenvolvida por Guimarães (2005 [2002]), que designa a enunciação como uma prática política que instala o conflito no centro do dizer, constituindo-se pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e afirmação de pertencimento dos não incluídos. Para o autor, a enunciação é

¹ Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/legislacao/item/9698-dados-estatisticos>. Acesso em: 18 fev. 2020.

um acontecimento sócio-histórico, onde se dá a relação do sujeito com a língua. Esse acontecimento instala uma temporalidade na qual o passado é representado pelo memorável, lembranças recordadas em sua relação com o presente do acontecimento, projetando uma futuridade que direciona para a interpretação dos sentidos.

É o acontecimento que, por ser constituído de um passado de sentido relacionado com o presente, faz com que os enunciados, entendidos como elementos que integram um texto e que significam para além das situações empíricas, tenham significados diferentes. No acontecimento, os sentidos significam algo do real, se formam e se transformam em outros sentidos, dividem-se, entram em conflito, e é esta situação conflituosa que o torna político (GUIMARÃES, 2005 [2002]).

O espaço em que os lugares de enunciação são distribuídos no acontecimento é designado *cena enunciativa*. Nela, os falantes são figuras políticas, agenciados a dizer de um determinado modo e de um determinado lugar. Assim, na cena enunciativa, temos o Locutor (com L maiúsculo), responsável pelo dizer, o locutor x (com l minúsculo), que fala de um lugar social para o alocutário x, o qual analisa o texto recebido, também por meio do agenciamento, e os enunciadores, identificados pelo lugar de onde se diz algo. Esses enunciadores se configuram como enunciator-individual, cujo dizer se apresenta como se fosse independente da história, enunciator-coletivo, que está ligado a uma coletividade, enunciator-genérico, cujo dizer se apresenta como algo difuso, mas do conhecimento de todos, e enunciator-universal, que se apresenta como o lugar que garante a verdade (GUIMARÃES, 2005 [2002]).

Existe, na Semântica do Acontecimento, um número significativo de categorias de análise. Neste trabalho, utilizaremos a reescrituração e a articulação, para demonstrar as relações linguísticas de sentido no acontecimento, a designação significando os nomes mediante relação linguística tomada na história, apontando que um nome é designado não a partir do seu sentido denotativo, mas pela relação de sentidos que ele estabelece com outros nomes, em um acontecimento enunciativo (GUIMARÃES, 2005 [2002], 2017 [2012]).

A reescrituração é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. É a reescrituração que “coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição de sentido de um texto”. A esta operação dá-se o nome de predicação, aquela em que, “no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos, dentre eles a repetição, a substituição, a elipse, a expansão, a condensação e a definição” (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

No que diz respeito ao procedimento de articulação, as relações semânticas são estabelecidas pela forma como os elementos linguísticos dão sentido a outros elementos em sua proximidade, mediante agenciamento enunciativo. Segundo Guimarães (2009), este procedimento pode ocorrer de três modos distintos: por dependência, por coordenação e por incidência.

Na articulação por dependência, “os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). É o que podemos observar no enunciado **a história da humanidade**, uma vez que os elementos linguísticos **ae da humanidade** estão vinculados ao elemento **história**, constituindo, assim, uma só unidade. Na articulação por coordenação, elementos são organizados “como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes” (GUIMARÃES, 2009, p. 51), a exemplo de: “no ano seguinte, várias órfãs, de família nobre, foram mandadas para casarem-se com os funcionários, **com dotes representados por negros, vacas e éguas**”, em que **negros** está na mesma categoria dos animais. Na articulação por incidência, ocorre uma relação “entre um elemento da mesma natureza e outro de outra natureza, de modo a formar um novo elemento do tipo do segundo” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). É o que acontece se transformarmos o enunciado anterior, em: “**até** negros eram inseridos na lista de dotes”, em que o advérbio **até** aponta para a incidência de um segundo elemento, caracterizado como novo, que é a incredulidade em relação à coisificação de seres humanos.

O funcionamento dessas categorias será demonstrado nas análises das cenas enunciativas que seguem.

Negras e negros em escritas de si: designação e sentidos

Para compreender as designações construídas para negras e negros nas escritas de si em análise, é necessário tomá-las não enquanto algo abstrato, mas como uma relação linguística tomada na história. Em outras palavras, a significação construída para negras e negros nas escritas de si, pelo modo como elas e eles são designadas/os, é analisada levando em consideração a sua relação com o enunciado e com o texto. Essas designações constituem “uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem” (GUIMARÃES, 2018, p.154).

Para identificarmos os sentidos que são construídos nas designações, é necessário analisar como as palavras se relacionam com outras no acontecimento de enunciação, e são essas relações que constituem o Domínio Semântico de Determinação (DSD). A análise dessas relações aponta que existe uma distinção entre designação e referência, que designar não é “dizer que o sentido das palavras diz simplesmente respeito ao objeto que ela pode referir em enunciações específicas. O sentido de um nome (sua designação) constitui-se pelas relações do nome com outras palavras, nas enunciações” (GUIMARÃES, 2018, p.156).

A configuração do Domínio Semântico de Determinação dar-se-á por meio dos procedimentos de análise de articulação e reescrituração, os quais permitirão compreender os sentidos produzidos pelas palavras atreladas a negras e negros nas escritas de si.

As histórias que se apresentam nas escritas de si transpõem a narrativa individual, apresentando vivências que certamente são experienciadas também por outras pessoas negras – homens, mulheres, crianças, cidadãos e cidadãs³ – que têm sido desrespeitadas, cujos direitos têm sido negados por um processo histórico de exclusão e inferiorização.

Nas enunciações que analisaremos a seguir, temos um corpo negro que é depreciado por meio de predicções racistas que o coisificam, animalizam, e isso coloca negras e negros em um lugar que nega sua humanidade.

Iniciemos pelas designações construídas para Carolina, em *Quarto de Despejo*, por pessoas da comunidade em que ela vive. Nessas designações, os sentidos postos para essa mulher negra são marcados por uma negatividade que retoma memoráveis da discriminação sofrida pelos seus ascendentes, consequente de um processo histórico que gera desigualdades. Vejamos as cenas enunciativas:

[R1]: (...) Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, **uma menina de seis anos, passava e dizia:**

[R2]: — Está escrevendo, **negra fida!**⁴

[R3]: A mãe ouvia e **não repreendia. São as mães que instigam**(Diário de Carolina Maria de Jesus, 24 de julho de 1955. In: JESUS, 2014, p. 26)

A ênfase na idade da criança, apresentada no dizer do locutor-narradora, na cena enunciativa do recorte um ([R1]), aponta para a incredulidade diante de uma infância já marcada pelo racismo. A atitude da criança parece ser corriqueira, como podemos inferir pelo funcionamento do verbo **passar** e do verbo **dizer**, usados no pretérito imperfeito, indicando que a ação não se finda.

O dizer da criança, na cena do recorte dois ([R2]), do lugar social de locutor-racista, se associa

3 Tomamos a palavra cidadão/cidadã, com o mesmo sentido explicitado por Eduardo Guimarães: cidadãos são pessoas investidas de certos direitos, os chamados direitos da cidadania, ou seja os direitos civis e políticos (Enciclopédia discursiva da cidade, 02 set. 2013. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/encidi/index.php?r=verbeta%2Fview&id=43>> Acesso em: 23 set. 2020).

4 Os grifos em negrito que aparecem em todos os recortes desta pesquisa são nossos.

a um enunciador-individual que diz de um lugar marcado pelo sentimento de superioridade em relação ao outro, e, nesse caso, o outro é uma pessoa negra. Nesta cena enunciativa, Carolina é renomeada com nome e sobrenome [**Negra Fidida**], e não existe um questionamento, mas uma afirmação carregada de desprezo, como podemos inferir pelo ponto de exclamação, o que permite a reflexão de que, para o locutor, Carolina não tem o direito de escrever. Assim, temos o seguinte DSD:

DSD 1 – Recorte2

CAROLINA **Negra Fidida**

..... (Relação de sinonímia)

As relações que se apresentam no DSD constroem sentidos que coisificam Carolina, já que, no dizer do locutor, seu nome e sobrenome são apagados. A cor da pele, usada como reescritura do nome próprio, funciona, nesta cena enunciativa, como um insulto, determina o novo nome, e um adjetivo marcado por um sentido atrelado ao mau cheiro determina o novo sobrenome [**Negra Fidida!**]. Assim, o locutor-racista legitima dizeres que propagam a ideia de que o corpo negro fede.

É possível identificar, também, nesta cena enunciativa, o memorável da supremacia, forma de racismo que cria privilégios para uma minoria branca, desenvolve hierarquias que negam os direitos da população de descendência africana (a exemplo do direito de ser escritor/a, como era o desejo de Carolina) e fortalecem o sistema de exclusão desse povo.

Na cena do recorte três ([R3]), temos um locutor-narradora-juíza que mobiliza um enunciador-individual para julgar e responsabilizar adultos, neste caso, a mãe, pela formação de pessoas racistas. O verbo **repreender** aponta para a importância de se mostrar à criança, desde cedo, que atitudes racistas são inaceitáveis. Já o verbo **instigar** encaminha para a interpretação de que o silêncio diante dessas atitudes pode desencadear a sua repetição e naturalização. O dizer do locutor nos faz pensar que essas atitudes afetam negativamente o desenvolvimento de uma geração que respeite e valorize o povo negro, que reconheça sua contribuição na formação deste país em todas as áreas de desenvolvimento, que combata as injustiças e o racismo ainda vigentes.

Nas cenas enunciativas que seguem, as enunciações legitimam a renomeação produzida pelo dizer da menina, já que Carolina e um policial são predicados com a mesma designação, usando o substantivo negro/negra de forma pejorativa, como um xingamento. Além disso, apresenta um lugar social em que o gênero e suas relações interseccionais afetam a construção de sentidos para homens e para mulheres.

Carolina narra que, em um determinado dia, despertou às quatro horas da manhã, com o vizinho, Alexandre, xingando o soldado Edison:

[R4]: Aquele **negro sujo** me bateu. Mas ele me paga! Eu me vingo! (Diário de Carolina Maria de Jesus, 20 de julho de 1958. *In*: JESUS, 2014, p. 97)

Seguindo a narrativa, ela relata que, como Alexandre não parava de ameaçar, foi até a delegacia informar o que estava ocorrendo. Ao voltar, começou a ouvir insultos, por isso jogou água nele. A partir daí, as ameaças voltaram-se contra ela:

[R5]: Você chamou a Rádio Patrulha para mim. **Negra fidida!** Mas você me paga!**Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira.** (Diário de Carolina Maria de Jesus, 20 de julho de 1958. *In*: JESUS, 2014, p. 97)

A cena enunciativa do recorte quatro ([R4]) demonstra que não só Carolina sofre injúria racial na favela do Canindé, como podemos ver no modo como o policial é designado por Alexandre

[Aquele **negro sujo**]. É importante ressaltar, porém, que o pronome demonstrativo reescrevendo os substantivos *soldado Edison* estabelece uma relação em que a expressão **negro sujo** é uma predicação, não uma renomeação, como acontece na cena enunciativa do recorte cinco ([R5]), em que Carolina sofre os xingamentos: **Negra Fidida; Negra suja; Ordinária; Vagabunda; Lixeira**. Além disso, as designações que se projetam sobre Carolina estão atreladas não apenas à sua pele retinta, mas também à sua condição de mulher [**Ordinária; Vagabunda**] e à sua profissão [**Lixeira**]. Assim, nessas cenas enunciativas podemos considerar as seguintes relações de sentido:

DSD 2 – Recortes 4 e 5	
ordinária	
T	
vagabunda, lixeira -I CAROLINA- negra suja	
T	
negrafidida	
SOLDADO EDISON	
T	
negro sujo	
T, -I, I-, (Lê-se determina)	

Observando os sentidos que se apresentam no DSD, é possível afirmar que as designações construídas pelo locutor-racista não são específicas para Carolina e para o soldado Edison. Há uma naturalidade, no dizer do locutor, indicando que essas práticas racistas podem se voltar também para outras mulheres negras e outros homens negros. Outra questão é que parece haver uma distinção entre essas práticas, no que diz respeito ao gênero. Carolina é identificada e predicada como **negrafidida, ordinária, vagabunda, lixeira, suja**, enquanto Edison é predicado como **sujo**.

Embora os adjetivos **sujo e fidida**, nestas cenas enunciativas, funcionem como uma ofensa racista, os sentidos que constituem o segundo adjetivo trazem uma carga de negatividade ainda maior, uma vez que estabelece para Carolina uma condição de coisificação, algo em processo de putrefação. **Ordinária e vagabunda** constroem sentidos que negam o direito de Carolina de ser respeitada, já que a identifica como uma mulher vulgar, julgamento social que a marginaliza e a despreza. A designação **lixeira**, usada como um xingamento, está atrelada ao trabalho desenvolvido por Carolina, como catadora de materiais recicláveis, o que aponta para um preconceito em relação a esta profissão, o qual contribui para a indiferença em relação a esses profissionais.

As relações de sentido que se apresentam no DSD demonstram o que afirma Silva (2019, 175): “homens negros e mulheres negras experienciam o racismo de maneiras diferentes, através das especificidades das dinâmicas de gênero que os circundam”. E ainda, apontam para a importância de se considerar, quando se analisa questões atreladas ao gênero, as categorias interseccionais que o constituem, uma vez que a interseccionalidade, de acordo com Akotirene (2019), possibilita analisar como os corpos são atravessados por condições estruturais com efeitos políticos e legais que os subjetivam com outros sentidos, reiterados por uma matriz opressora que discrimina alguns corpos e outros não. Além disso, afirma a autora, a interseccionalidade auxilia no combate a essa opressão, no reconhecimento de que ela se apresenta de modos diferentes, mais dolorosa ou menos dolorosa, e de que podemos estar tanto no lugar do oprimido quanto no lugar do opressor.

Seguindo a análise, a associação do corpo negro a um corpo sujo e desprovido de humanização também está presente nos dizeres sobre Pedro e Juvenal, nos relatos da vida de Pedro:

[R6]: Os meninos de olhos verdes perceberam que Pedro não era igual na cor,

e foram logo apontando,
cada vez que ele passava,
e foram logo dizendo
que ele **sujo, bem sujo** era.
(Relato da vida de Pedro. In: RITER, 2011, p. 12)
[R7]: “Pedro é **filho de besta, filho do velho do saco!**”
(Relato da vida de Pedro. In: RITER, 2011, p. 14)
[R8]: E diziam, e riam,
todos e mais um,
peles claras, olhos claros de arregalo,
e até falar falavam,
que ele era **filho é do Juvenal,**
umvelho, negro, sem dentes,
por quem todos sentiam asco,
pois sempre viam nele o **temível velho do saco,**
todocurvado, coitado,
que morava num casebre,
bem lá perto do mato.
(Relato da vida de Pedro. In: RITER, 2011, p. 15)

Observemos essas relações de sentido no DSD que segue:

DSD 3 – Recortes 6, 7 e 8
sujo, bem sujo
T
filho do velho do saco -I PEDROI- filho de besta
T
filho do Juvenal
coitado, asqueroso -IJUVENALI- velho, negro, sem dentes, curvado
T
besta, velho do saco
T, -I, -I, (Lê-se determina)

As relações de sentido instauradas no DSD apontam para a mobilização de um enunciador-universal, o qual se apresenta como o lugar que garante a verdade sobre Pedro e Juvenal. No dizer dos locutores, Pedro é determinado por **sujo, bem sujo**, e aqui temos o funcionamento do advérbio **bem**, como elemento de intensidade, marcando o adjetivo com sentidos que não estão relacionados com a falta de limpeza, mas como uma ofensa racista, uma vez que, assim como ocorre nos dizeres sobre Carolina e o soldado Edison, retoma o memorável que associa o corpo negro a um corpo que fede.

As reescrituras que definem Pedro como **filho do velho do saco** e **filho da besta** animalizam, já que **velho do saco** retoma o memorável da figura mitológica do bicho-papão, significado no folclore brasileiro como um monstro devorador de crianças desobedientes, e **besta** recorta o memorável religioso apocalíptico da figura animalésca que dominará a terra.

Os sentidos construídos para Juvenal também o animalizam. Se Pedro é designado como **filho da besta** e **filho de Juvenal**, significa que este é a própria *besta*. Além disso, também é um *bicho-papão*, uma vez que é determinado pela expressão **velho do saco**. Do mesmo modo, as enumerações que reescrevem Juvenal (**velho, negro, sem dentes**) estão carregadas de sentidos que o inferiorizam, já que essas características aparecem no dizer do locutor como adjetivos depreciadores, reforçados pela enunciação **por quem todos sentiam asco**, a qual retoma o memorável racista de que negro é asqueroso, sujo. O adjetivo **coitado** também é constituído pelo sentido da negatividade, identificando Juvenal como uma pessoa sem importância social, tanto

que, no dizer do locutor, a moradia do idoso é um **casebre perto do mato**, o que aponta para um preconceito atrelado também à classe social.

Na escrita de si de Esmeralda, em *O Diário da Rua*, também identificamos o lugar que a coloca em uma condição de marginalidade, de pessoa sem importância, desumanizada. Vejamos:

[R9]: Quando estava dominada pela droga, tudo que as pessoas diziam que eu era eu aceitava. Se me falavam que eu era uma “**noia**” (grifo da autora), eu aceitava; se me denominavam **imprestável**, eu aceitava; se falavam que eu era uma **trombadinha** e que eu iria morrer o mais rápido possível, eu acreditava; se me xingavam de **nega-macaca**, eu aceitava, e assim por diante (Diário de Esmeralda. In: ORTIZ, 2003, p. 38).

Os sentidos postos para Esmeralda, nesta cena enunciativa, podem ser apresentados no seguinte DSD:

DSD 4 – Recorte 9
noia
T
imprestável -I ESMERALDA-I trombadinha
T
nega-macaca
T, -I, I- (Lê-se determina)

O dizer do locutor-escritora narra momentos vividos na rua, no período em que se tornou dependente de drogas. Em sua enunciação, aparece o dizer de locutores-preconceituosos que dizem de um lugar que se significa como enunciador-individual, para qualificá-la de modo pejorativo [**noia, imprestável, trombadinha**], e o dizer de locutores-racistas que, se apresentando também do lugar individual, usam o nome negro como um insulto, já que este vem seguido de um termo que nega a condição humana do locutor, identificando-o com nome de animal [**nega-macaca**].

Um aspecto também importante nesta análise é que o locutor-escritora usa o verbo **aceitar**, para demonstrar como se sentia em relação às designações **noia, imprestável e nega-macaca**, e o verbo **acreditar**, para demonstrar seu sentimento em relação à designação **trombadinha**. Acreditar que era uma **trombadinha**, ao nosso ver, demonstra que o locutor estava afetado pelo pensamento generalizado de que o menor que vive na rua, cometendo pequenos delitos para sobreviver, pode ser denominado por esse nome pejorativo. No que diz respeito ao verbo **aceitar**, é possível dizer que a aceitação do xingamento ocorre não porque haja uma autodefinição de si como **noia, imprestável e nega-macaca**, e sim porque o locutor está inserido em um processo histórico que tem minimizado a gravidade dessas atitudes ofensivas, racistas, permitindo sua prática de forma tão constante que acabam se naturalizando, a ponto de se pensar que existe uma aceitação e uma passividade generalizadas frente a tais insultos.

A reação de Esmeralda, diante das ofensas, nos faz pensar nas reflexões de Gomes (2019), quando a autora afirma que, mesmo havendo um movimento de ações para a valorização e para o respeito do povo negro, há sempre um olhar que o coloca no lugar de inferioridade. E isso, segundo a autora, tem contribuído para que algumas negras e alguns negros olhem a si mesmos e a tudo que a elas e eles dizem respeito, a exemplo da história, do corpo, da cultura, a partir de uma perspectiva de desvalorização.

Esse processo também pode ser identificado na escrita de si de Geni, quando ela narra uma situação vivida na escola, na infância, no dia em que se comemora a abolição da escravatura no Brasil. Esse dia foi muito esperado pela menina, uma vez que era a única negra da sua turma que

iria recitar um poema, depois de muito insistir com a professora. O poema, produzido por Geni, demonstra como a reprodução de vozes que negam o racismo e o sistema opressivo se articula para que até pessoas negras acreditem que a garantia de direitos é um ato de generosidade, e o oprimido sofre por conta da sua teimosia em não aceitar a violência a que é submetido. Vejamos:

[R10]: Ao meu poema, dei um título: *Santa Isabel*. Assim ficou:
Santa Isabel

Os homes era teimosos

E os donos deles era bravo

Por isso a **linda Isabel**

Soltou tudo os escravo.

Foi **boa que nem um doce**,

E parecia um mel,

Acho que é **irmã de Deus**,

Viva a princesa Isabel.

(Autobiografia de Geni Guimarães. In: GUIMARÃES, 2001, p. 61).

As relações de sentido que se articulam na cena enunciativa apontam que **homes teimosos** é uma reescrituração, por substituição, de escravos. A informação de que esses **homens/escravos** tinham **donos bravos** e de que foram soltos por uma princesa chamada Isabel torna possível a interpretação de que se tratam dos africanos e seus descendentes. Observemos, agora, esses sentidos articulados no DSD que segue:

DSD 5 – Recorte 10	
homes teimosos	
	T
	ESCRAVOS..... africanos e seus descendentes
bravos -IESCRAVOCRATAS-I donos dos homes teimosos	
linda, doce	
	T
irmã de Deus -IPRINCESA ISABEL-I mel	
..... (relação de sinonímia)	T, -I, I-, (Lê-se determina)

Os sentidos que se articulam no DSD identificam os africanos e seus descendentes como **escravos**, determinados por **homes teimosos**. O adjetivo **teimosos** encaminha para a interpretação de que esses homens deviam ser obedientes aos escravocratas, determinados como seus **donos**, mas não cumpriam com essa norma, por isso esses **donos** eram **bravos**. Já os sentidos postos para a Princesa Isabel a significam como uma redentora generosa, **doce, linda, santa**, que salvou negras e negros das condições de opressão que o sistema escravocrata lhes impunha. Isso demonstra que as informações a que Geni tinha acesso são marcadas pelo apagamento de outros acontecimentos que constituem esse processo histórico.

Dentre esses acontecimentos, Nascimento (2019 [1980]) cita que a princesa foi pressionada pelos movimentos negros de resistência e luta por liberdade e igualdade, que combatiam o sistema opressor e suas práticas violentas de subjugação e desumanização. Essa pressão também partiu das classes dominantes europeias com interesses capitalistas, que necessitavam de um mercado consumidor para expandirem seus lucros, e apenas o trabalhador livre, com trabalho remunerado, poderia atender a essa demanda.

Essas informações deturpadas que afetam o dizer do locutor-poeta-negra podem ser consequência do que se diz acerca desse assunto na escola, como podemos observar na cena enunciativa que segue, quando a professora fala sobre os ancestrais de Geni:

[R11]: Hoje, **comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África.** Aqui eram **forçados a trabalharem**, pelos serviços prestados, nada recebiam. **Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte** (Autobiografia de Geni Guimarães. In: GUIMARÃES, 2001, p. 62).

A enunciação da professora de Geni, que fala do lugar social de locutor-historiador, cujo dizer se apresenta do lugar de um enunciador-universal, tem em seu primeiro enunciado uma reescrituração por condensação [**libertação dos escravos**], marcada por uma articulação por dependência. Essa reescrituração resume o assunto da aula, acerca de quem eram os escravos no Brasil, apresentado por meio de uma reescrituração por expansão. No dizer do locutor, também há uma reescrituração que define negros como escravos [**Escravos eram negros que vinham da África.**], seguida de uma explicitação que reproduz o estereótipo de que o povo negro foi passivo e covarde diante da escravidão, que sofreu sem resistência, uma vez que coloca a força do opressor em destaque [**forçados a trabalhar, amarrados nos troncos, espancados até a morte**]. Não há uma informação acerca dos movimentos liderados por negras e negros, em prol da libertação do seu povo e contra o sistema de opressão vivido por africanos e seus descendentes.

O advérbio **hoje** reescritura o dia 13 de maio, data em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, lembrada todos os anos na escola, como “o dia da libertação dos escravos”. Neste advérbio, em sua relação com a data, está posto o sentido de que apenas nesse dia há comemoração por conta desse acontecimento histórico, e isso tem se reiterado ao longo dos tempos, já que, ainda hoje, algumas escolas fazem essa abordagem nesse dia específico, depois não tratam mais das questões raciais, apagando, desse modo, a participação do povo negro na construção desse país.

Outra questão interessante é que, para o Movimento Negro Unificado, essa data está constituída por sentidos totalmente contrários àqueles que a escola tem propagado. Primeiro, destaca que a abolição da escravatura não foi uma dádiva, um ato de bondade da princesa, e sim uma consequência dos vários movimentos de resistência que ganharam força no Brasil, desde os primeiros dias da escravização. Segundo, aponta que as comemorações dessa “libertação” constroem uma noção fantasiosa de que, a partir do 13 de maio de 1888, negras e negros foram inseridos/as na sociedade, tratados/as com dignidade e com privilégios iguais àqueles concedidos a pessoas da população branca, o que nunca ocorreu no Brasil.

O recorte doze ([R12]) apresenta uma continuidade do que estava ocorrendo em sala de aula, descrevendo o choque do locutor-aluna-negra ao se deparar com uma história do seu povo totalmente diferente daquela contada pela *Vó Rosária*. Vejamos:

[R12]: E foi ela discursando, por uns quinze minutos. Vi que a narrativa da professora não batia com a que nos fizera a *Vó Rosária*. **Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses** apresentados então eram **bobos, covardes, imbecis. Não reagem aos castigos, não se defendiam**, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma **raça digna de compaixão, desprezo**. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso, estiquei o dedo indicador e no ar escrevi: **larazento**. Era pouco. Acrescentei: **morfético**. Acentuei o *e* do *f* e voltei para a classe (Autobiografia de Geni Guimarães. In: GUIMARÃES, 2001, p. 62- 3).

Nesta cena enunciativa, o funcionamento de uma articulação por dependência estabelece uma relação contígua entre os elementos da designação **escravos da Vó Rosária**, criando o sentido de que esta senhora era escravocrata. Essa interpretação se dá pela elipse do substantivo narrativa, reescriturada pelo pronome com função de demonstrativo, no segundo enunciado [*Vi que a narrativa da professora não batia com a que nos fizera a Vó Rosária*].

As predicções que aparecem para os africanos e seus descendentes, identificadas pelo locutor-aluna-negra, no dizer da **Vó Rosária** – este marcado pelo lugar social de locutor-contador de histórias –, os designam como **bons, simples, humanos, religiosos**, mas também **escravos**. Este substantivo indica que o locutor, ao narrar a história do seu povo para as crianças da fazenda, dentre elas Geni, o faz de um lugar social afetado por um dizer que reproduz o pensamento de que os africanos eram passivos.

Seguindo a análise, os pronomes demonstrativos **aqueles**, apresentando **os escravos da Vó Rosária**, e **esses**, reescriturando os que são apresentados pela professora, constroem uma divisão, como se existissem dois grupos diferentes, e com o último a menina não se identifica. Assim, os sentidos postos para negras e negros, na enunciação da *Vó Rosária*, opõem-se aos que são construídos no dizer do locutor-aluna-negra, que os/as determina, afetada pela aula da professora, como **bobos/as, covardes, imbecis**, e o olhar dos colegas sobre ela a faz sentir-se exatamente desse modo [*Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo*], uma pessoa cuja etnia não tem valor, não merece respeito [**digna de compaixão, desprezo**]. Esse conflito gerado pelas informações da aula provoca uma negação de si. Assim sendo, o dizer de quem discrimina é reproduzido no dizer de quem é discriminado: *Sentada no vaso, estiquei o dedo indicador e no ar escrevi: larazento. Era pouco. Acrescentei: morfético*.

Podemos, então, dizer que, pelas determinações de sentido que produzem as designações para negras e negros na cena enunciativa do recorte doze ([R12]), temos o seguinte DSD:

DSD 6 – Recorte 12

escravos
T
religiosos I-NEGROS/AS PARA A VÓ ROSÁRIA I- bons, simples
T
humanos
imbecis, covardes
T
coitados I- NEGROS/AS IDENTIFICADOS/AS PELA ALUNA, NA AULA -I bobos
T
lazarentos, morféticos, desprezíveis
(relação de oposição)
T, -I, I- (Lê-se determina)

Observemos que há uma oposição entre as determinações produzidas para negras e negros, no dizer do locutor-contador de histórias e no dizer do locutor-aluna-negra, após a aula. Os sentidos postos no dizer do primeiro locutor, apesar de designar pessoas negras como escravas e não como escravizadas, predicam essas pessoas com palavras que rompem com o pensamento racista do selvagem sem alma, sem prestígio, sem inteligência, diferentemente dos sentidos construídos no dizer do segundo locutor, marcado por uma negatividade que significa essas pessoas como incapazes, sem inteligência, sem nenhum valor social.

É importante observar, ainda, que o dizer da professora também reforça o sentido de libertação que aparece no poema escrito por Geni, uma vez que ela é significada como algo que foi

dado, por meio de um gesto generoso do branco, não algo conquistado com muita luta, marcada pela morte de negras e negros que não aceitaram o tratamento opressor, pelos sinais físicos no corpo de tantos heróis que se posicionaram em defesa do seu povo, fundando quilombos, organizando fugas para estes espaços.

A diferença entre as informações trazidas nas histórias da Vó Rosária, que auxiliaram na produção do poema, e aquelas apresentadas na aula da professora, é que as narrativas da senhora apresentam o povo africano e seus descendentes como aqueles cuja história é maior que aquela construída pela colonização, enquanto a aula destaca a violência desse período como acontecimento principal.

O locutor-aluna-negra conhece, na escola, uma outra história sobre seu povo, marcada por estereótipos, por informações distorcidas que excluem as contribuições desse povo para o desenvolvimento do nosso país, desde a área econômica até a social, política, cultural. Essa distorção que se apresenta nas informações constrói sentidos sobre negras e negros que os/as significam como passivos/as, medrosos/as, o que provoca um sentimento de desvalorização dos seus ancestrais, por parte da aluna, e conseqüentemente, uma desvalorização de si mesma.

Isso nos faz pensar o quanto a escola poderia contribuir para que outros sentimentos fossem demonstrados pelo locutor, se a história verdadeira fosse contada, se revelasse que homens negros e mulheres negras lutaram à frente das grandes batalhas, dando suas vidas para defender o Brasil, sendo responsáveis por muitas conquistas nas grandes revoltas que o país enfrentou, sem receber nenhuma condecoração ou agradecimento em troca.

Por não cumprir o seu papel, a escola reforça a depreciação e a discriminação em relação ao povo negro, marcando sua história por estereótipos que provocam uma aversão do locutor-menina-negra, por seus ascendentes. As cenas enunciativas nos fazem pensar como a escola veicula preconceitos e discriminações, como a representatividade negra ainda é apresentada de forma negativa, marcando a vida de alunos/as negros/as pelo sentimento de inferioridade em relação a alunos/as brancos, negando-lhes o direito de conhecerem e se orgulharem de sua história.

Considerações Finais

As análises dos sentidos construídos para negras e negros nas escritas de si nos permitem identificar relações conflituosas no espaço de enunciação, o que mostra o político funcionando no acontecimento da linguagem, trazendo à tona as discrepâncias e exclusões.

Há, nas escritas de si, relatos de enunciações que negam direitos, inferiorizam negras e negros, significando-os/as com sentidos marcados pela negatividade. Os elementos linguísticos usados para nomear e caracterizar pessoas negras, a exemplo de **sujo/a, fedida, abesta, nega-macaca, imprestável, ordinária, imbecis, covardes, lazarentos**, as desvalorizam, alguns deles as identificam como indivíduos pertencentes à espécie identificada como não humana.

Desse modo, é possível dizer que as obras aqui analisadas apresentam uma denúncia do racismo ainda vigente em nossa sociedade, ao mesmo tempo que apontam para a necessidade urgente de se ampliar o debate sobre essa questão, visando à formação de gerações antirracistas que respeitem a população negra e reconheçam seus direitos e sua grande contribuição não só nos aspectos atrelados ao desenvolvimento econômico do nosso país, mas também no âmbito político, social e cultural.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

FOUCAULT, Michel [1983]. A escrita de si. In: -----, **O que é um autor?** 3. ed. Tradução Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-60.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Companhia Editora Nacional, 1956. Disponibilidade em: <<http://www.brasiliana.com.br>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito: contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo [2002]. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. *In*: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M.C. **A palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, Jan./Jun. 2009. Disponibilidade em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 29, p. 15-40, jun. 2010. Disponibilidade em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/172>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

GUIMARÃES, Eduardo [2012]. **Análise de texto: procedimento, análise, ensino**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2006.

KLINGER, Diana Irene. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**: revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 10, n. 12, p. 11-30, 2008. Disponibilidade em: <<http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415542249.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias [1980]. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africana**. 3.ed. São Paulo, Perspectiva; Rio de Janeiro, IPEAFRO, 2019.

ORTIZ, Esmeralda. **O diário da rua**. São Paulo: Salamandra, 2003.

RITER, Caio. **Pedro Noite**. São Paulo: Biruta, 2011.

SILVA, GleicyMaily da. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - IFCH-UFRGS**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 173-201, maio/ago. 2019. Disponibilidade em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-1832019000200173>. Acesso em: 18 out. 2019.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2022.
Aceito em: 25 de fevereiro de 2022.

